

1000 16
L. 11986

A
VERDADE TRIUNFANTE,
ELOGIO DRAMMATICO,

E
ALLEGORICO
PARA SE REPRESENTAR

N O
REAL THEATRO
DA CORTE

D O
RIO DE JANEIRO,
NO GRANDE , E PLAUSIVEL DIA NATALICIO
D A

RAINHA NOSSA SENHORA ,
COMPOSTO, E OFFERECIDO

A
SUA ALTEZA REAL

O
PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR

P O R
ANTONIO BRESSANE LEITE.



1811
NA IMPRESSÃO REGIA. 1811

Por Ordem de S. A. R.

B. F. 7215



OFERTA

ACTORES.

A VERDADE	{	<i>Joaquina Lapinha.</i>
O GENIO LUSITANO		<i>Maria Candida.</i>
LISIA		<i>Francisca de . . .</i>
O ENGANO		<i>Antonio Ferreira.</i>

Acompanhamento de Povo, que fórma o Coro.

ACTO UNICO.

SCENA I.

SCENAS.

- 1.^a Vista de Campina deliciosa com arcos formados de verdes arbustos, e flores, por onde ha de entrar o Carro do Triunfo da Verdade acompanhado do Povo.
- 2.^a Huma nuvem brilhante, em que baixa Lisia, e o Genio Lusitano.
- 3.^a Templo magnifico consagrado á RAINHA NOSSA SENORA, que Deos guarde, no meio do qual estará hum grupo elevado, formado por Virtudes, que sustentão nos braços os Retratos de S. MAGESTADE, e do PRINCIPLE REGENTE NOSSO SENHOR, no alto do qual grupo estarão dois Genios suspensos no ar, que segurão huma coroa, que guarnece os ditos Retratos.

A verdade com veste magna, mas singela, em pé calcando os depojos Marciaes, que formão o dito Carro, com ar magestoso: os vicios agrilhoados, sequezes do engano, que em grossas cadeias vem presos ao mesmo carro, que he tirado pelos Vicios, e acompanhado do Povo em duas alas. Todo este Triunfo passa por baixo dos ditos arcos. Desce a Verdade depois do Povo cantar o seguinte.

CORO

Neste Dia, que o Grão Jove
A Maria há consagrado,
Do Sacro Empireo estrellado
Baixa ao Mundo a doce paz.

O Engano, que illudido
Tem a cega humanidade.
Preso ao Carro da verdade
Em duras cadeias jaz.

* ii

* 4 *

Izentai, ó Ceos piedosos,
A Rainha, o Nosso Amor,
Do Monstro devorador
Q' os duros bronzes desfaz.

Deste do Carro a Verdade: o Povo a vai receber, o qual traz com si o Engano preso em grossas cadeias.

Verdade.

Neste Dia o maior de quantos dias
Há consagrado Jove aos Sacros Numes
Em que do berço, qu' embalarão Deoses,
Maria excelsa vio a luz primeira,
O Grande Jove lá do ethereo Solio
Em honra das Virtudes refulgentes
Qu' afaga, e nutre no seu vasto Peito,
Manda qu' habite a paz no immenso Globo,
Quer, que seja feliz o Mundo inteiro.
Vós, Povos do Brasil, qu' aos ternos bafos
Do Maior dos Sob'ranos já sois Lusos,
E qu' á luz do clarão, qu' em vós derrama,
Clarão, qu' a Terna Mãi sabia lh' envia,
Viveis felizes, respirais ditozos,
Bem qual planeta, que na esphera brilha
Dá vida aos Entes, dá alento ás flores
Com a luz, que lhe manda o Rei dos astros;
N' hum riso divinal do Ser Supremo
Hoje o Ceo vos envia a Paz mimosa,
E unida á ella nos mais ternos laços

* 5 *

Ha de ao Mundo tornar a idade d' oiro.
Eis o Monstro cruel, o torpe Engano,
Qu' há erguido na Europa o ferreo throno,
Mordendo os ferros, que infeliz arrastra,
Trophéo do meu poder, preso ao meu carro.

Engano.

Que mais queres de mim? Que mais pertendes,
Vencedora cruel, Deosa funesta?
Vês-me sem Sceptro, sem poder, sem throno,
Preso ao carro fatal do Seu Triunfo:
Vês meus socios curvados com o peso
Dos throphéos, que conduzes venturosa
Ao Templo eterno da immortal Memoria:
Que mais queres de mim? Queres, que veja
Teu semblante de gloria coroado,
Teu semblante feroz, só agradavel
Aos Numes, que detesto, e qu' aborreço?

Verdade.

Suspende-te infeliz: escuta, e treme.

ARIA.

Cahirás aos pes d' Augusta;
E as Virtudes sublimadas,
Que terna nutre a seu lado,
Do Regio Solio elevado
A cerviz te hão de calcar.

* 6 *

Verás blasfemando
A' sombra do throno
Em somno mímoso
O Mundo ditoso
Em paz descançar.

Engano.

O' tormento: ó furor, ó pena, ó morte!
Ante tantos tormentos não são nada
Os tormentos, que forja o Deos do Averno.

Verdade.

Exultemos, ó Povos, que constantes
Nos braços sustentais o Luso throno,
Em qu'ó Grande JOAM, o Sabio, o Justo
Por influxos da Mãe, Que Terna o Ama,
Enche de gloria o Ceo, d'assombro o Mundo.
Em quanto a terra canta os meus triunfos,
Da Nossa Tutelar o Nome excelso
Nas niveas azas de sonoros hymnos
Vá o seio tocar do Ser Superno.
Mas que vejo! Que sacras Divindades
Em nuvem prateada vem descendo?
Parece que de gloria coroadas
Vem seus cantos unir aos nossos cantos.

* 7 *

SCENA II.

Descem sobre huma nuvem Lisia, e o Genio Lusitano de mãos dadas, patenteando transportes de alegria: a Verdade, e o Pavo os vão receber, e ao som do retornello descem, e cantão o seguinte

DUETO.

Lisia. Nos Lusos lares
Neste almo dia
Genio. Vive a alegria
Morre o pezar.
Ambos. MARIA viva
Qu'em doce effeito
Em nosso peito
Tem puro altar.

Verdade.

Salve, ó Lisia feliz, Lisia ditosa,
Fastoza Capital do Luso Imperio,
Berço d'altos Heroes, que denodados
Nos Campos Marciaes de gloria cheios
O Sangue derão pelos patrios lares:
E Salve, ó Sacro Genio, que do Empireo
Por ordem, que firmára a mão do Eterno,
Zélas, vigias guardas desvelado
Os fastos divinaes do Luso Solio.

* 8 *

Eis o dia maior dos dias todos,
Que formára vaidoso o Rei das Luzes,
Desde qu'espalha a Luz no vasto Globo,
E que Jove do Solio refulgente
Déra a MARIA para bem do Mundo.
Neste dia do Ceo o Ceo lhe off'rece
O Triunfo maior, que honra seus fastos.
Vêde do Engano vil os roxos pulsos
Da victoria arrastrando infames ferros,
As Serpes assanhando, que raivozas
O fero coração lh'estão mordendo.

Lisia.

O' divinal Verdade, Mãi mimoza
Das Sagradas Virtudes, que MARIA
No Grande Coração afaga, e nutre;
Em quanto a sã Moral d'ais lastimozos
Enchia o seio dos rochedos duros,
E por Systemas vis, qu'o Inferno dicta,
Era aos tristes montaes desconhecida,
E qu'a Razão de balde o facho erguia
Com a sagrada luz de todo extincta,
Sem templo, sem altar, e já sem culto,
Vagava pelo cume d'altas Serras;
Que as Virtudes do Mundo abandonadas,
Sem lares, sem respeito, sem abrigo,
S'escondião tremendo á luz do dia;
Foi então, qu'esse Monstro, o vil Engano
Desdobrou da perñidia os estandartes
Nos altos muros da infeliz Europa,

* 9 *

Convoca os Povos, e de falsas glorias
Encantadores quadros lh'apresenta.
C'roa a sua ambição de vans promessas.
Erguem-lhe templos illudidos Povos,
Perfumes queimão sobre seus altares,
Mas cedo forão premios de seus cultos
Catastrophes, horrores, prantos, mortes.
MARIA em tanto lastimando os males,
Qu'assolão a infeliz humanidade,
Chama a Si as Virtudes desprezadas,
E em Seu Peito Real, de JOAM no Peito
Culto lhes dá, abrigo, e templo eterno.

Verdade.

O' que mimo do Ceo! O' que Rainha!

Genio.

Verdade divinal, filha de Jove,
Que podeste alcançar a paz ditosa,
Qu'em honra de MARIA o Ceo piedozo
Para gloria do Mundo ao Mundo envia!
Vós, Povos, que cantais as glorias suas,
Sem temor maldizei o Monstro infido,
Qu'ousara profanar as Luzas terras,
Por traições, por perfidias, por horrores.
Nadando em mares de innocente sangue,
Calcando corações despedaçados,
Que no Campo sem dono palpitavão,
Ufano calca meus sagrados lares,

Profana sem témer as altas torres,
 E no mesmo lugar das Quinas Sacras,
 Que pela vil tração forão manchadas,
 Fez tremular o negros estandartes.
 MARIA sobre o Peito as mãos cruzando
 Soccorro implora ao Ceo, que não lho nega.
 Por Sacra inspiração manda ás Virtudes
 Vão animar os corações dos Lusos.
 Eis a Moral lh'entrega o forte escudo,
 Dá-lhe a Razão as invenciveis armas,
 Traz-lhe a Amizade nos mais ternos laços
 Os Britannos Heroes jámais vencidos.
 A Verdade os anima, e guia ao Campo,
 Dá-se o combate... a victoria he nossa,
 Foge o Monstro cruel com os seus sequazes
 Segunda vez assola os Campos Lusos,
 Foge segunda vez d'opprobrio cheio.
 Mordendo as Serpes, e rasgando o peito
 Baixa ao Seio do Averno o Monstro horrendo
 Convoca as Furias da cruenta Alecto,
 Fôrma soberbas, horridas phalanges,
 Poem-lhe á frente os Heroes, que terror forão
 D'Austerlitz, de Gena, e de Marengo.
 Os Lusos Campiões da fé nutridos
 E os Britannos Heroes ao campo correm:
 A' frente sua marcha a sã Verdade
 De celestes Virtudes rodeada
 O Engano raivoso ardendo em chamas
 Assanha as Furias, que mastigão brazas:
 Investe sem temor a tropa invicta
 Das Sublimes Virtudes, que o não temem:

Mas apenas divisa a magestosa,
 Divina face da Verdade pura,
 Vacilla, freme, raiva, e cahe vencido.
 Tres vezes se levanta, mas tres vezes.
 Enpunhando debalde o curvo alfange,
 Cahe de todo vencido; e agrilhado
 Segue o carro, que fôrma o seu Triunfo.
 Graças aos Ceos, que A' NOSSA SOBERANA
 Mandarão neste dia a paz mimoza,
 Paz, que havemos gozar arfando em glorias
 A' fresca sombra do seu Solio Augusto.
 Ao som de ternos hymnos, doces cantos,
 Vamos, ó Povos meus, ao Sacro Templo,
 Onde MARIA de JOAM ao lado
 Tende por baze as candidas Virtudes,
 Tem throno eterno, tem ethereo assento.

Terceto concertante com o Coro.

Verdade. Sacro Jove, que raios disparas
Lisia. Contra os impios, que féros te
 offendem
Genio. E aos justos, que cultos te rendera,
Os 3, e o Coro. Dás em premio o ser d'immortal;
Verdade. Permitti, que neste dia
Lisia. A MARIA consagrado
Genio. Ante seu throno humilhado
Os 3, e o Coro. Caia o Engano fatal.

* 12 *

Verdade.

Completos não estão os meus triunfos.
Sem que os altos trophéos, que nos dão gloria,
Guarueção os degrãos do Solio Augusto.
Demos de gratidão hum puro exemplo:
Vamos, ó Povos meus, ao Templo . . .

T O D O S

Ao Templo.

Genio.

Para gloria do Ceo, terror do Impío
Pelo alto poder, que o Ceo me ha dado,
Aqui vos faço ver o Sacro Templo.

S C E N A U L T I M A.

*De improviso se muda a Scena em magnifico
Templo da Memoria, no meio do qual esta-
rá hum grupo formado pelas Virtudes, que
sustentão nos braços os Retratos da RAINHA
NOSSA SENHORA, e do PRINCIPE REGEN-
TE NOSSO SENHOR: no alto do grupo es-
tarão dois genios, segurando hum Diadema,
que corôa os ditos Retratos.*

Lysia.

Vamos, ó Lusos, nos degrãos de Throno
Render-lhe os corações d'amor nutridos.

* 13 *

Genio.

E tu, Monstro cruel, vai já prostar-té
Ante a causa feliz das nossas glorias;
E sem mais blasfemar vai humilhado
Beijar a terra, qu' as virtudes pizão.

Engano.

Qu' illudidos estais, Monstros ferozes!
Debalde blasonais de Divindades:
Eu vos detesto em fim, e não vos temo.
Maldigo a Jove com os Numes todos:
As luzes aborreço, adoro as sombras:
Meu Imperio he maior, que o vosso Imperio.
Vês de MARIA o Solio Soberano?
Inda o hei de arrasar

T O D O S.

Caia o Tyrannó.

*Cahe hum raio sobre o Engano, que o submerge e
todos se prostrão, e com as mãos erguidas
cantão o seguinte*



T E R C E T O.

Verdade, e Lisia. Graças ao Ceo : que venturas
Sobre nós o Empireo chove !
Os Tres. Já o Monstro a mão de Jove
Fez no Averno baquear.

Verdade, e Lisia. Os Numes do Olympo ,
E as aves do ar ,

Verdade, e o Genio. Os Entes da terra
Os peixes do mar ,

Os Tres. Já correm ditosos
MARIA a adorar.

Verdade.

Em quanto em hymnos no Sagrado Olympo
Os Sacros Numes este Dia cantão ,
E sobre a terra em canções sonóras
Vai de MARIA o NOME honrar os astros ;
Gritemos com a fé mais excessiva :
Em gloria de JOAM

T O D O S.

MARIA, VIVA!

C O R O.

Dai, ó Ceos, á Nossa Augusta
A gloria, qu' eterna dura,
Bem como a nossa ventura
D'alto throno eterna faz.

Pêndão de seu aureo Solio
Os trophéos d'altas victorias,
E á sombra das suas glorias
Goze todo o Mundo a paz.

F I M.